

PRODUTOR: Emissora Nacional ☒

RDP ☐

Nº. de referência: 2

Título: "D. JOÃO" - MOZART

Título da Série: MINITEATRO

Autor (obra original): HOFFMANN, ERNEST

Adaptador: SILVA, MARIA PEREIRA DA

Realizador: ALVES, JORGE

Locutor: ?

Data de produção: 8/6/1975

Data de Emissão: 14/6/1975

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
JOSÉ SEVERINO	HOFFMANN
JOSE RAYMOND	THEODOR
ALBINO DOS SANTOS	BRIADO
TERNANDA MONTEYOR	D. ANA
GILBERTO GONÇALVES	1ª VOZ
LUIZ MASCARENHAS	2ª " "

Estado de conservação: Bom ☐

Razoável ☒

Mau ☐

Tipo de Suporte:

Original ☒

Cópia ☒

Registo Sonoro: Sim ☐

Não ☒

Nº do Registo Sonoro:

J. Reis

(V.S.F.F.)



Notas:

- DIREÇÃO ARTÍSTICA - RUI FURTADO

Indexação: - TEATRO RADIODFÔNICO

SERVIÇOS CRIATIVOS	
PROCTA-7-7°	501
DATA DE ENTREGA 2 JUN 1975	PROGRAMA
PER. J. A. G. P. J. D.	FAZENDO DE ____/____/____
ACRAV. P. 123 / /	____ - ____ HORAS
HORA	VISTO
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	

D. João

Um conto de Ernest Hoffmann, em tradução e adaptação livre de Maria Pereira da Silva, ilustrado musicalmente com trechos da Ópera D. João, de MOZART

Personagens e interpretes:

Theodor Hippel.....
 Ernst Hoffmann.....
 Criado.....
 D. Ana.....
 1ª. Voz.....
 2ª. Voz.....

Mr/

INDICATIVO

D. João

Um conto de Hoffmann, em tradução e adaptação livre de Maria Pereira da Silva

SEPARADOR - Abertura da Ópera D. João de Mozart (alguns compassos)

THEODOR Hippel- Meu caro Hoffmann, então que tal te correu a viagem?

HOFFMANN- A minha viagem foi uma aventura fantástica.

THEODOR- Uma aventura fantástica ?

HOFFMANN- Precisamente.

THEODOR- Diz lá o que se passou, homem!

HOFFMANN- Descansa, Theodor, que te vou contar palavrinha por palavrinha.

THEODOR- Começa, que estou ansioso por saber.

HOFFMANN- Cheguei ao hotel morto de cansaço. Entrei no quarto e atirei-me para um "mapple", completamente exausto. Sem dar por mim adormeci. O som estridente de uma campainha fez-me acordar subressalto, ao mesmo tempo que me chegavam aos ouvidos as lavras: "Vai começar" ! "Vai começar"! A seguir, comecei a ouvir afinar instrumentos (som de afinar instrumentos) Aparlhado, não sabia onde estava. Esfreguei os olhos e vi-me no quarto do hotel. Pensei: "Teria bebido de mais ao jantar?" "Resolvi tocar a campainha, e então... (som de campainha, seguido de pancadas na porta) Entre!

*Campainha
& instrumentos*

CRIADO - Que deseja V. Ex^a. ?

HOFFMANN- Que música é esta, aqui tão perto ? Há concerto no hotel?

CRIADO- Não, excelência. Sua Excelência talvez não saiba que este tel é ao lado do teatro. Este reposteiro esconde uma porta que dá para o corredor que comunica com o camarote dos estrangeiros.

HOFFMANN- O quê ??

CRIADO- Sim, Excelência; o camarote dos estrangeiros, onde não cabem mais de três pessoas, está reservado para gente de representação. Fica mesmo ao lado do palco. Representa-se hoje o D.J. de um célebre músico de Viena, o sr. Mozart. Se Sua Excelência quiser, podemos mencionar na factura do hotel o preço de entrada; um thaler e oito groschen. (ruído de porta que se abre) Como V. Excelência vê, a sala não tem um lugar vago.

HOFFMANN- É verdade. A sala é espaçosa e bem iluminada. Quero, sim. Gosto imenso dessa ópera.

CRIADO- Então, às ordens de V.Ex^a.

HOFFMANN- (ouve-se a "Abertura" ficando em fundo, a esmorecer) Aos primeiros acordes da Abertura, executados por uma excelente orquestra, tive a certeza de me deliciar com aquela obra-prima numa maravilhosa interpretação. O presentimento da desolação infernal fez-me gelar. A fanfarra do sétimo compasso do "allegro" souo aos meus ouvidos como um grito de alegria sacrílega; via saírem do seio das trevas os demónios em chamas ameaçando, com as garras os grupos que dançavam alegremente num palco por cima de profundos abismos. Ao meu espírito, a senta-se o conflito da natureza humana com os poderes ocultos e fatais que a cercam. Por fim, o pano sobe, quando amainha a tempestade. Léoporello passeia em frente do pavilhão, na meia escuridão da noite. Tu conheces a ópera, Theodor. Recordaste da cena em que D. João sai de casa ?

THEODOR- Quando D. Ana procura impedir-lhe a saída, agarrando-lhe a capa ?

HOFFMANN- Exactamente. Se visses a sua expressão?...Um olhar em que cólera, o amor, o ódio e o desespero lançam chamas, e lhe am no coração um incêndio inextinguível. As tranças caem em anéis sobre os ombros; a alva camisa de noite deixa parecer encantos que se adivinham perigosos. (ouve-se o c de D. Ana.) A sua voz, que parece vir do Céu, soa como o lâmpago no meio da tempestade da orquestra. É em vão que João pretende livra-se dela.

THEODOR- Mas, na verdade quererá? Porque não a repele vigorosamente e foge ?

HOFFMANN- É a consciência do crime que lhe tira a força de agir, talvez, a luta íntima do amor e do ódio que o paralizam e tiram a coragem. O velho pai pagou com a vida a loucura que cometeu ao atacar aquele adversário terrível. Durante o recitativo, D. João e Leporello avançam. D. João é de estatura imponente e beleza máscula. Entreabre a capa e deixa ver um bafado de veludo vermelho bordado a prata. Pouco depois aparece Octávio, noivo de D. Ana, que foi logo prevenido.

THEODOR- Ele podia ter corrido para salvar o ancião, mas não quis arriscar-se a sair de noite, foi o que foi !

HOFFMANN- O tom lamentoso do recitativo e do dueto seguinte exprime o desespero e a luta que se travam na alma de D. Ana. (discurso alusivo) Na cena em que D. Elvira insulta D. João, notei que alguém entrava no camarote e fiquei aborrecido. Sentia-me sozinho por estar só e encostei a cabeça à mão, de costas para recém-chegado, mostrando-me absorvido pelo espectáculo, que prosseguia correspondendo ao brilhante início. Atrás de mim sem leve de um vestido de seda deu-me a perceber uma presença feminina. Quando caíu o pano, voltei-me para ver a minha filha...oh! Não tenho palavras para descrever a minha surpresa. D. Ana, D. Ana estava ali, ao meu lado.

HOFFMANN- Como é possível estar aqui ? perguntei involuntariamente àquela mulher maravilhosa. Meu caro Theodor, gostava de transmitir-te o diálogo memorável entre mim e a diva, Ana -la falar sobre a própria figura e sobre o papel de D. Jo parecia-me que a bela ópera me era desvendada pela primeira vez e nela descobria novas perspectivas de um mundo fantástico. Enquanto falava, a sua voz meiga soava-me aos ouvidos como um canto melodioso. E a expressão do seu olhar! Ah! Não poderei esquece-la!

THEODOR- Ficaste loucamente apaixonado, estou vendo.

HOFFMANN- Estou a ouvi-la...

D. ANA- A música é toda a minha vida. Pelo canto, desvendando os mais profundos segredos da alma, aqueles que não podem exprimir-se com palavras. Sim, compreendo esses segredos, mas tudo que me rodeia está frio e morto; quebra-se o encanto. Quando me aplaudem, sinto a impressão de que mãos de gelo me apertam o coração. Mas tu...tu comprehendes-me. Sei que também penetraste nessas românticas povoadas pela celestial magia dos sons.

HOFFMANN- Como ? Conheces-me, mulher admirável ?

D. ANA - A protagonista da tua última ópera, aquele papel que exprime a adorável loucura do infinito amor, não o tiraste da tua alma ? Compreendi-te : na harmonia daquela partitura, revela-te-me o teu coração...Hoffmann, evoca-me no meu canto; no tuas melodias, vejo-me tal como sou.

HOFFMANN- É possível conheceres a minha obra tão insignificante ?

D. ANA - Conheço-te como músico: autor de óperas, sinfonias, canções e até de uma missa. Também sei que és pintor e escritor. (som da campainha do teatro) Adeus, já chega a campainha. Adeus Ana! Chegou para ti o momento mais terrível...Adeus!

- HOFFMANN - Depois daquela cena miraculosa, podes crer, Theodor, apesar do 1º. acto me ter encantado, a música causou já uma impressão diferente. Era como a realização própria de sonhos adoráveis vindo de um outro mundo, tornando ininteligíveis os mais secretos pressentimentos. Os êxtases inefáveis presos no sortilégio da música. Durante a cena de D. Ana, fechei os olhos involuntariamente e julguei sentir sobre os lábios um beijo de fogo. Mas esse beijo era uma modulação prolongada que sustinha o arrebatamento sem fim do desejo...
- THEODOR - Em que estado de espírito te encontravas!... Sinto-me impaciente pelo desfecho da tua aventura,
- HOFFMANN - Em o conhecendo, verás se não tenho razão em considerar fantástica essa aventura. Mas... deixa-me prosseguir! O final começou com uma alegria insolente. (Ouve-se em fundo a abertura do último acto) A cena representava um compartimento pequeno, com uma janela gótica ao fundo, por onde se divisava a noite. D. João, à mesa com duas raparigas abria garrafas sucessivas, para fazer sair os espíritos das estreitas prisões. Elvira vem censurar o infiel por ter traído os juramentos e vêem-se os relâmpagos cruzarem-se nas trevas. (~~Ouve-se bater à porta~~) Elvira e as jovens fogem. Os acordes parecem sair de um mundo subterrâneo, e surge o colosso de mármore ao pé de D. João, no meio dos gritos dos demónios e do rugir das trovões.
- THEODOR - Ah! Essa cena é horrível! Lembro-me muito bem de ver D. João a debater-se nos tormentos da Inferno, numa luta tremenda com os demónios,
- HOFFMANN - Parecia que ia acabar o mundo. D. João desaparece; sentimos-nos aliviados quando os outros o vêm procurar em vão, pois ele escapou à vingança dos homens pelos poderes infernais. D. Ana parece outra. Vem pálida, com o olhar sem vida, a voz trémula e desigual. Mas, podes crer Theodor, que o efeito ainda foi mais emocionante no due

com o noivo.

-SEPARADOR-

(Dueto de Ana e Octávio)

HOFFMANN - Eu estava numa exaltação tão violenta como nunca me lembr de ter estado. O coro completou o drama com um brilho extraordinário. (ouve-se o coro final) - Mal terminou o espectáculo, corri para o quarto, quase desvairado. Pouco depois, o criado veio prevenir-me que iam servir a ceia. Maquinalmente, segui-o. Põe agora na tua ideia como me podia sentir numa sala cheia de gente, discutindo animadamente sobre a ópera, e a feira que atrai sempre grande quantidade de forasteiros.

THEODOR - Por que não te retiraste logo?

HOFFMANN - As opiniões sobre o espectáculo despertavam-me certo interesse, sobretudo, por serem o mais díspares possível. Um dizia...

UMA VOZ - Ninguém consegue igualar os cantores italianos.

OUTRA VOZ - Gostei imenso de D. Octávio.

UMA VOZ - D. Ana foi excessivamente apaixonada. Devia ter-se moderado um pouco.

OUTRA VOZ - Era uma bela mulher, mas não se preocupava com a apresentação. Houve uma cena em que os cabelos em desalinho lhe projectavam sombras no rosto.

OUTRA VOZ - De quem gostei menos foi de D. João. Era um italiano excessivamente sério para o papel de um doidivanas.

-SEPARADOR- (Breves segundos)

HOFFMANN - Já não aguentava mais. Estava farto de tantos comentários. Fui para o quarto. À meia noite, pareceu-me ouvir mexer o reposteiro e pensei: O que me impede de voltar ao sítio da estranha aventura? Talvez ali veja aquela que me enche o coração...

THEODOR - Voltaste para o teatro?

HOFFMANN - Era tão fácil levar uma mesa pequenina e duas velas e ir escrever para o camarote! Pedi um "ponch" ao criado e fui para lá. O rapaz ao ver-me ali não disse nada, mas mostrou-se admirado. Colocou a bebida em cima da mesa e retirou-se, voltando a cabeça várias vezes para trás. Encostei-me ao parapeito a contemplar a sala deserta, apenas iluminada pelas minhas velas, cujo reflexo lhe dava um aspecto fantástico. De repente, o pano estremeceu com a corrente de ar que atravessou a sala. Oh! Se o pano se levantava e aparecia D. Ana, perseguida por fantasmas?... Sem querer, gritei: "D. Ana!"

THEODOR - Estavas louco, com certeza...

HOFFMANN - Aquele grito ecoou no espaço deserto e perdeu-se, mas despertou os espíritos enturpecidos dos instrumentos da Orquestra. Tive a sensação de que no ar vibrou um som a murmurar o nome adorado. Não pude evitar um certo temor, um arrepião que, ao mesmo tempo, me refrescava os nervos. Por fim, consegui acalmar e creio que, pela primeira vez compreendi o significado verdadeiro daquela admirável obra-prima.

THEODOR - És poeta, Hoffmann, e só um poeta pode compreender outro poeta. Só uma alma entusiasmada pela poesia, tendo recebido a iniciação no interior do santuário, é capaz de compreender a linguagem inspirada dos eleitos! Sim, porque o libreto só por si pouco vale.

HOFFMANN - Se o considerarmos sem lhe procurar um sentido alegórico, atendendo apenas ao enredo, custa a perceber como Mozart

pôde compor uma música daquelas sobre um tema tão pobre-zinho.

THEODOR - O que é o protagonista? Um homem simples, jovial, amando em excesso o vinho e as mulheres e que, por capricho, cobrou vida para uma coisa a estátua de pedra de um ancião que tinha morto em defesa da própria vida. Confesso que não acho aí muita poesia, nem que tal homem seja digno de ser conservado pelos poderes subterrâneos como peça rara do museu infernal.

HOFFMANN - Nem mesmo merece que uma estátua de mármore, animada pelo espírito do morto, se digne apegar-se do cavalo para exortar o pecador a arrepender-se antes de dar o último suspiro. É de admirar que Satanás ponha em campo os seus melhores sequazes para dar mais solenidade à transferência desse pecador para o reino das trevas. Temos que ver que D. João foi dotado pela Nautreza de tudo que pode aproximar o homem da divindade, elevando-o acima do vulgar, distinguindo-o das obras em série que, ao sair da fábrica são simples zeros, sem valor, se não são precididos de qualquer algarismo.

THEODOR - Era um belo homem...

HOFFMANN - Tinha um corpo vigoroso que, pela beleza, mostrava a todos a chama do divino que nele ardia; era de profunda sensibilidade e viva inteligência. Nota, Theodor, que o que torna horrível a condição do homem abatido é que o Demônio tem o poder de o espiar, de lhe ~~armar~~ embuscadas, até mesmo naquele esforço para abraçar o infinito, em que se manifesta a sua origem divina.

THEODOR - É o conflito entre os poderes do Céu e os do Demônio:

HOFFMANN - É a própria vida terrena, quando a vitória alcançada constitui a vida terrena, quando a vitória alcançada constitui a vida sobrenatural. D. João queria tudo na vida, porque a sua natureza física e o seu poder intelectual a isso o leva-

ram; porque a chama do desejo lhe ardia sempre nas veias.

THEODOR- Não há nada sobre a terra que mais entusiasme o homem que o amor.

HOFFMANN- O amor que, com o seu poder misterioso pode destruir ou transfigurar os elementos da existência. Não é para admirar, que D. João tenha pedido ao amor para abrandar o ardor que o consumia.

THEODOR- Corria de uma mulher para outra ainda mais bela, possuindo-as com uma paixão louca, até à saciedade, a embriaguês destruidora.

HOFFMANN- Julgava sempre enganar-se na escolha e esperava vir a descobrir a satisfação definitiva. Como não há-de ter achado maçadora e insípida a vida terrena ?

THEODOR - Como desprezava a humanidade, mais se revoltou com aquela em que tinha visto o supremo bem e que o desiludiu.

HOFFMANN- Desde então, deixou de procurar na mulher a saciedade aos seus desejos, mas apenas um repto irónico à Natureza e ao Criador. A sua rebeldia foi dirigida a todas as mulheres, primeiro, por um profundo desdém e, em seguida, por amarga irritação contra as que esperam a satisfação num ardor feliz e na união que lhe sucede, dessa satisfação mesmo incompleta das aspirações que a natureza inimiga colocou no homem. Na verdade, D. João só aspira a evadir-se da vida para se precipitar no Inferno. A sedução de D. Ana, com as circunstâncias que a acompanham, é a meta dessa trajectória fatal. Como ele, D. Ana é possuidora dos mais belos dotes da natureza. É uma mulher divinal, de alma pura, virgem dos atentados demoníacos.

THEODOR- Estou convencido que o Inferno, por mais esforços que empregasse não pôde consumir senão a sua perdição terrena.

HOFFMANN- Com certeza! Mas Satanás, cumprida a obra fatal, apressa-se a desempenhar o papel de vingador, em execução das sentenças do Mo/

Céu. Por ironia, D. João implora o ancião que tinha assassinado para que assista ao festim; o espírito do defunto, que conhece enfim a alma do pecador, enche-se de compaixão e vem exortá-lo à penitência.

THEODOR - Sem resultado...

HOFFMANN- Porque D. João está de tal forma corrompido, que nem a esperança da eterna felicidade consegue inspirar-lhe desejo de se emendar. Olha, Theodor, as ideias que surgem no meu cérebro desafiam as palavras. Gostava de poder dizer como se apresenta no meu espírito o choque daquelas duas naturezas em luta: D. Ana e D. João, sem recorrer ao texto, apenas na música. Não é possível supor que ela foi destinada por Deus para revelar a D. João a parte divina da sua própria natureza e que, ao arrancá-lo ao desespero o salva pelo amor de que Satanás se tinha servido para o corromper? O pior é ele tê-la encontrado demasiado tarde, no apogeu da loucura sacrílega, quando já não pode ceder ao desejo diabólico de a perder. Quando ele aparece em cena a fugir, já ela tem sucumbido. O fogo de uma sensualidade sobre-humana, o incêndio do Inferno abrasou-a e tornou inutil qualquer resistência. E só ele, D. João, podia atear nela o frenesim dos sentidos com que o abraça, aquele ardor do pecado que a prejudicou com a furia destruidora dos espíritos infernais.

THEODOR - Mas quando o sedutor pensa em fugir, depois de consumado o crime, ela sofre.

HOFFMANN- Por se ver perdida. ^{causa-lhe} Essa ideia inflige-lhe atrozes tormentos. Se te parece! A morte do pai, assassinado por D. João, a sua união com Octávio, um homem frio, efeminado, vulgar, que ela julgara amar... o próprio amor, cuja chama lhe devora o coração; essa chama radiosa no momento do prazer supremo queima-lhe agora o seio como um ódio mortal. Tudo isso a arraza! Sente que só a ruína do sedutor pode pôr termo às torturas que lhe despedaçam a alma, mas essa ruína será a sua sentença de morte neste mundo. É o que a leva a convencer Octávio a

vingá-la. Ela própria persegue o traidor e só quando o vê arrastado para o abismo consegue alguma paz.

THEODOR - Contudo, recusa ceder às instâncias de Octávio que a quer desposar.

HOFFMANN- Sabe que não deve viver muito. Octávio nunca há-de apertar nos braços aquela mulher, cuja alma piedosa livrou das garras de Satanás. Tive a impressão de tudo isso, ao ouvir os acordes lancinantes do primeiro recitativo, o que evoca a surpresa nocturna. / No segundo acto, a cena de Ana exprime harmonias misteriosas e, ~~pelas mais estranhas correlações tónicas~~, a disposição secreta da alma, morta para qualquer esperança terrestre.

- SEPARADOR- (um trecho da ópera)
reverberação

HOFFMANN- Oigo dar duas horas (soam 2 horas) Nesse instante, aspiro o aroma subtil do perfume que me tinha revelado a presença da cantora no camarote. Conheço uma sensação de felicidade que só se pode expandir na harmonia do canto. Na sala passa uma lufada de ar. / as cordas do piano parecem estremecer. / Meu Deus! Julgo distinguir muito ao longe a voz de Ana trazida por acordes prolongados, como se saíssem de uma orquestra etérea, e exclamo: / Abre-te mundo desconhecido dos espíritos, região feérica, onde a alma encantada encontra, numa dor celestial e numa inefável alegria, a realização completa de todas as promessas recebidas na terra! Deixa-me penetrar no círculo mágico das tuas deliciosas maravilhas! / Que o sonho, teu mensageiro entre os homens, enquanto o sono me envolve nos seus laços plúmbens, venha livrar o meu espírito e conduzi-lo aos teus campos etéreos!

-SEPARADOR- (em eco, distante, ouve-se uma frase de D. Ana)

THEODOR - E não tornaste a ver a dama dos teus sonhos ?

Mo/

HOFFMANN- Não. No dia seguinte, / à mesa, / ouvi conversas e opiniões diversas a respeito do espectáculo. Um dos hóspedes do hotel, voltou-se para mim e disse!

UMA VOZ - Faz pena não tornarmos tão cedo a ter uma obra interpretada tão sofrivelmente como a de ontem. A mania dos exageros.

HOFFMANN- Na minha opinião, a interpretação foi maravilhosa.

UMA VOZ - Mais de uma vez tenho repetido isso à cantora, mas o papel de D. Ana comove-a sempre. Ontem parecia louca. Dizem que durante o entre-acta desmaiou, e depois da cena do segundo teve uma crise de nervos.

OUTRA VOZ- Oh! Uma crise de nervos tão intensa que não puderam levá-la do teatro.

HOFFMANN- Contada! Queira Deus que em breve esteja restabelecida, para termos o prazer de a ouvir.

OUTRA VOZ- É pouco provável, porque faleceu esta noite às duas horas em ponto.

-SEPARADO- (breve)

HOFFMANN- Vê lá! Às duas horas, precisamente quando eu julguei ouvir a sua voz muito distante, trazida por uma orquestra etérea! /
Meu caro Theodor, deves concordar que a minha viagem foi uma aventura fantástica.

FIM

Mo/



D.S.P.
R.P.L.

Programas com composição

FOLHA DE PRESENÇAS

Título do programa *Ministério D. João de Hoffmann* Referência { N.º/R.P.L. *501*
N.º S.P.P. *...*

Episódio N.º *...* Datas { da gravação *8* de *junho* de 1975 às *9.30* horas.
da 1.ª emissão *14* de *junho* de 1975 Programa *1.º* às *15.15*

Director artístico *Paulo Furtado* *...*

ELENCO DO PROGRAMA

Nome dos artistas ou vozes	Figuras	Rubrica dos intérpretes
<i>Jose Levenson</i>	<i>Hoffmann</i>	<i>...</i>
<i>Jose Raymond</i>	<i>Chardos</i>	<i>...</i>
<i>Albino dos Santos</i>	<i>Ariado</i>	<i>...</i>
<i>Fernanda Monteiro</i>	<i>D. Anna</i>	<i>...</i>
<i>Gilberto Gonçalves</i>	<i>1.ª Voz</i>	<i>...</i>
<i>Vera Mónica</i>	<i>2.ª Voz</i>	<i>...</i>
<i>Luis Mascarenhas</i>		<i>...</i>

Pessoal da Emissora Nacional

Produtor

Jorge Alves

Locutor

Captação

Gravação

Visto do Chefe da S.P.P.

Lisboa,

de

de 196